



Texto & Contexto Enfermagem

ISSN: 0104-0707

texto&contexto@nfr.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

de Alcântara Nogueira, Luciana; Bellini, Luzia Marta
Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua?
Texto & Contexto Enfermagem, vol. 15, núm. 4, outubro-dezembro, 2006, pp. 610-616
Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71415409>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

SEXUALIDADE E VIOLÊNCIA, O QUE É ISSO PARA JOVENS QUE VIVEM NA RUA?

SEXUALITY AND VIOLENCE, WHAT IS IT TO STREET CHILDREN AND ADOLESCENTS?
SEXUALIDAD Y VIOLENCIA ¿QUÉ SIGNIFICA PARA LOS JÓVENES QUE VIVEN EN LA CALLE?

Luciana de Alcântara Nogueira¹, Luzia Marta Bellini²

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do curso de enfermagem do Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná (UNICS).

² Bióloga. Mestre em Educação. Doutora em psicologia social. Docente da UEM.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Adolescente. Violência.

RESUMO: Apresentamos neste trabalho os modos de pensar de seis adolescentes sobre suas vidas afetiva e sexual. Estes viviam nas ruas da cidade de Maringá, Paraná e por isso foram encaminhados ao Abrigo Municipal da cidade. Tinham comportamento sexual precoce, com práticas sexuais consentidas ou não. Em 2005 desenvolvemos no abrigo uma pesquisa qualitativa para o estudo de caso. Entrevistamos jovens que apresentam hábitos, crenças e valores bem diferentes dos jovens de classe média. Os jovens eram oriundos de famílias excluídas do trabalho e não freqüentavam a escola. Para eles, a sexualidade é vivenciada como algo novo e prazeroso. Sexo é o que encontram de bom na vida de rua (ou institucionalizados). Não há como estabelecer uma relação direta entre sexualidade e violência entre estes jovens, já que sexualidade para eles é vivenciada como momentos de prazer e afetividade.

KEYWORDS: Sexuality. Adolescent. Violence.

ABSTRACT: We present in this study the thought processes of six adolescents about their sexual and affective lives. They have lived on the streets of the city of Maringá, Paraná, Brazil. For that reason they were conducted to the city's Municipal Shelter. They had precocious sexual behavior, with consensual sexual intercourse or not. In 2005 we developed in the shelter a qualitative study for case studies. We interviewed young people who presented habits, beliefs, and values quite different from the middle class youth. The adolescents were originally from families excluded from work and they did not attend school. For them, sexuality is experienced as something new and pleasurable. Sex is what they find to be good about living on the street (or institutionalized). There is no way to establish a direct relation between sexuality and violence among these young people, since for them sex is experienced as pleasurable and affectionate moments.

PALABRAS CLAVE: Sexualidad. Adolescente. Violencia.

RESUMEN: Presentamos en este trabajo los modos de pensar de seis adolescentes sobre su vida afectiva y sexual. Éstos vivían en las calles de la ciudad de Maringá, estado de Paraná, y por eso han sido encaminados al asilo municipal de la ciudad. Tenían un comportamiento sexual precoz, con prácticas sexuales consentidas o no. En 2005 hemos desarrollado en el asilo una investigación cualitativa para el estudio de caso. Hemos entrevistado a jóvenes que presentan costumbres, creencias y valores muy distintos de los jóvenes de clase media. Los jóvenes eran oriundos de familias excluidas del trabajo y no frecuentaban la escuela. Para ellos, la sexualidad es vivida como algo nuevo y placentero. Sexo es lo que encuentran de bueno en la vida callejera (o institucionalizados). No hay como establecer una relación directa entre sexualidad y violencia entre estos jóvenes una vez que la sexualidad para ellos es vivida como momentos de placer y afectividad.

Endereço: Luciana de Alcântara Nogueira
R. José Joaquim Balhs, 100, Ap. 201
85.555-000 - Centro, Palmas, PR.
E-mail: nogueira_lu@hotmail.com

Artigo original: Pesquisa
Recebido em: 07 de março de 2006.
Aprovação final: 23 de outubro de 2006.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos os modos de pensar de seis jovens adolescentes sobre suas vidas afetiva e sexual. Estes jovens viviam nas ruas da cidade de Maringá, Paraná; por isso foram encaminhados pelo Conselho Tutelar ao Abrigo Provisório Municipal da cidade até que fossem localizadas as suas famílias. Tinham comportamento sexual precoce, com práticas sexuais consentidas ou não. Durante o ano de 2005 tivemos contato com os seis adolescentes no abrigo onde ficaram alguns meses.

O estudo com os adolescentes levou em consideração a relação freqüentemente feita entre a sexualidade e a violência no discurso sobre os jovens em situação de risco na rua. Em nosso cotidiano é comum ver os jovens que vivem nas ruas como violentos, desordeiros e prostitutas. Assim, como enfermeira e educadora interessou-nos pensar em como o jovem considerado em situação de risco concebiam o sexo e quais eram as situações de violência que ele vivenciava relacionadas ao sexo.

Para definir violência e comportamento de risco utilizamos três autores como referenciais teóricos.¹⁻⁶ Estes pesquisadores estudaram grupos econômicos, sociais e culturalmente excluídos nos quais localizam em que plano simbólico estão as crianças e os jovens.

Segundo estudo, a violência caracteriza-se sobre várias vertentes, e ressalta que dentro de uma perspectiva conjuntural, a violência deixa de ser causa e passa a ser efeito, tornando-nos vítimas e agressores ao mesmo tempo.¹

Já, noutro estudo, é abordado o *apartheid* social em duas favelas de Porto Alegre: a Vila do Cachorro Sentado e a Vila São João. Aí mulheres, homens, crianças e jovens sobrevivem fora da economia do país e como não podia deixar de ser, constroem valores radicalmente opostos aos de classe média.²⁻³ Os únicos momentos de contato interclasse são a “patroa” ou durante um assalto. Um exemplo é a posição da criança na comunidade. O autor em questão mostra que as crianças circulam na vila como elemento de troca e como meio de negociação entre os adultos, pais, avós ou outros. Se uma mãe não tem mais condição de cuidar de uma criança, outros adultos envolvidos com algum grau de parentesco com uma criança, reivindicam sua adoção sem nenhuma passagem legal; trata-se de cuidar da criança e depois ser cuidado por ela. Então, o que existe é outra noção de família.

Para as comunidades da Vila Cachorro Sentado e Vila São João os valores de honra, por exemplo, diferem muito do conceito de classe média. Um homem não quer que sua mulher trabalhe fora de sua casa; quando a mulher se opõe a ele, ela o afronta em sua honra. Ser honrado na classe média é ter trabalho e estar inserido na economia do país, mas nas famílias que vivem na Vila do Cachorro Sentado, isso não existe; sequer a família consegue manter seus filhos em escola pública, devido aos documentos que a escola exige e aos gastos com uniforme, cadernos, lápis, etc. A violência que existe, então, para a autora em questão é violência econômica e social que mantém esta enorme reserva de mão de obra em condições subumanas.

Na mesma perspectiva de violência, encontramos quatro trabalhos de um grupo de pesquisadores de Goiás. O primeiro deles, realizado em 2000 caracterizou as instituições, governamentais e não governamentais de Goiânia que prestam assistência às crianças e adolescentes em situação de rua, em que salientam que as políticas de atenção a crianças e adolescentes em situação de abandono social em Goiânia não resolvem os problemas dos jovens de rua, apenas o minimizam. Para eles as instituições lares representam a única chance de resgate de cidadania das crianças e adolescentes diminuindo ou erradicando a exclusão social da infância.

Também em Goiânia, um outro estudo realizado pelo mesmo grupo de pesquisadores, em 2001, mostra que uma parte significativa de crianças e adolescentes procuraram as ruas para escapar não só da situação de miséria e pobreza de suas famílias, mas, também, da violência doméstica.⁴ Nas ruas, no entanto, também não escaparam da violência, pois enfrentaram situações degradantes como exploração de trabalho, grupos de extermínio de crianças, a prostituição de meninos e meninas, a contaminação pela AIDS/HIV a crescente disseminação e uso de drogas como o “crack”, a maconha e a cocaína.

Em 2002 esta equipe realizou um levantamento junto a instituições governamentais e não governamentais de Goiânia que prestam assistência a crianças e jovens em situação de rua e analisou suas propostas de atuação.⁵ Os resultados mostram que, de um modo geral, as instituições percebem o abandono social na infância como resultados de uma desestruturação político social do país. Acreditam que o cumprimento real do Estatuto da Criança e do Adolescente será possível quando se tiver a garantia dos direitos sociais estipulados em

nossa constituição.⁶ Os pesquisadores observaram, também, o preconceito dos profissionais de saúde com as crianças que vivem nas ruas quando os chamam de “trombadinhas”. Assim, estes jovens são estigmatizados e de vítimas passam a ser responsáveis por sua situação.

Outro estudo importante realizado em 2004 trata das Representações Sociais de DST/AIDS para adolescentes de uma instituição abrigo com experiência pregressa de vida nas ruas da cidade de Goiânia.⁷ Centraram-se na vulnerabilidade e a exposição dos jovens de rua às DST e AIDS. Para os autores, o convívio grupal facilita o despertar precoce da sexualidade genital que, prontamente entra em prática e leva os adolescentes também aos abusos. As conseqüências são visualizadas pelos altos índices de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a Aids.

Para os autores, a adolescência apresenta características, necessidades e problemas específicos que os diferenciam da criança e do adulto. Nesta etapa, e educação sexual deve ser antecipada com o objetivo de preparar os jovens para as mudanças físicas e emocionais, porém este trabalho implica a conjunção de vários fatores como o desenvolvimento sexual, a saúde reprodutiva, o relacionamento interpessoal, a afetividade, a reprodução, a imagem corporal e as relações de gênero.

As investigações dos referenciais utilizados indicam que a propalada violência entre os jovens tem sua origem na desigualdade social e de poder. A violência entre os jovens em situação de risco significa uma ruptura de contrato da sociedade brasileira com sua futura geração. Um contrato que significa educação, saúde e preparo emocional.

O CONTEXTO DA CIDADE E DO ABRIGO MUNICIPAL

Maringá localiza-se no norte do estado do Paraná; apresenta 300 mil habitantes segundo censo de 2000. Fundada em 1951, foi projetada para abrigar até 200.000 habitantes. No entanto, aos 49 anos de existência, a cidade ultrapassou esta estimativa. Com um excedente de população, houve o surgimento de favelas que em 1975 e 1976 foram fechadas por ordem da prefeitura municipal, com destruição de barracos e transferência de toda população residente para bairros da periferia ou ainda para outras localidades.⁸

Atualmente, 50% da população de Maringá encontra-se com idade inferior a 24 anos; destas,

69.176 têm idade de até 18 anos. Entre essas crianças e adolescentes, 2754 sofrem algum tipo de exploração, seja no campo ou no trabalho urbano, esmolando ou prostituindo-se.⁸ O município conta como entidades não governamentais, o Conselho Tutelar, a Promotoria Pública e um abrigo provisório mantido pela Prefeitura Municipal.

O Abrigo Municipal funciona como uma sociedade civil de caráter assistencial com a finalidade de proteção e educação da criança, sem fins lucrativos. Conta com cerca de 20 funcionários. Escolhemos esta instituição para a presente pesquisa, pois é a única que permanece em funcionamento o ano todo, um critério considerado fundamental para nosso estudo.

METODOLOGIA

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa. De acordo com os postulados adotados, a pesquisa qualitativa: 1) tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; 2) os dados coletados são predominantemente descritivos; 3) a preocupação com o processo é muito maior do que com o resultado; 4) o significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador; 5) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.⁹ Esta pesquisa respeitou a Resolução do Conselho Nacional de Saúde N°196, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Estadual de Maringá, PR.¹⁰

Utilizamos a observação associada à entrevista como instrumentos básicos para coleta de informações. Utilizamos um Diário de Campo, à semelhança de pesquisas antropológicas para anotações das datas, horários do pesquisador no abrigo, dos hábitos dos adolescentes, das regras do abrigo, tipos de jogos e modo de relacionamento entre os adolescentes e os educadores do abrigo.

Ao iniciar a pesquisa no Abrigo Municipal, atentamo-nos à observação da rotina da instituição e no aprofundamento de relações com os jovens que lá estavam. Durante esta fase, pesquisamos a história familiar e de vida de cada um dos internos via documentação e registros da instituição em um diário de campo adotado. Esta etapa durou três semanas, ou seja, nove encontros. Mantivemos a prática do diário durante toda a pesquisa; após três semanas, sentimo-nos à vontade para iniciar conversas a respeito de sexualidade com alguns dos jovens.

Esse período ocorreu durante dois meses, de março a maio de 2005, três dias por semana.

Depois desta primeira etapa e com uma relação de mais confiança com os adolescentes, solicitamos-lhes uma conversa individualizada. Esclarecemos aos jovens que consentiram participar do estudo, o sigilo das informações relatadas. Seis jovens concordaram. Trabalhamos com entrevista não estruturada. As perguntas básicas eram: 1) Você pode me contar sua primeira experiência sexual?; 2) Houve consentimento das duas partes?; 3) Onde aconteceu?; 4) Usaram preservativos?; 5) O parceiro era namorado ou um “ficante”? Destas perguntas iniciais, surgiram outras de acordo com a fala deles. As entrevistas foram realizadas individualmente; nunca entrevistamos mais de um adolescente no mesmo dia. Os adolescentes entrevistados eram, todos, reincidentes à instituição.

Os seis jovens do abrigo municipal

Entrevistamos seis jovens que estavam sob guarda do abrigo, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino. Dos seis jovens entrevistados, um tem família, mas prefere morar na rua; quatro adolescentes também têm famílias, mas estas não os aceitam mais, justificando comportamento difícil e uso de drogas. Um tem família, porém sempre viveu em instituições. Todos se encontravam em situação de miséria absoluta, não tinham emprego, moravam nas ruas, foram presos, sofreram abusos e violência sexual e todos já foram ou são usuários de drogas.

Dos seis jovens, nenhum tinha vínculo com sua família e não freqüentavam a escola. Eram alfabetizados, embora a leitura e escrita fossem bastante precárias. Tanto os meninos quanto as meninas falaram de sexo de modo tranquilo. Sexualidade/sexo não pareceu ser um tema tabu. Apresentamos aqui a história de cada jovem; cada qual foi denominado por nome de pedras preciosas.

Rubi - 14 anos (menina 1). Histórico: pai falecido. A mãe a abandonou quando tinha seis meses. O irmão adotou-a. Residiu com o irmão em Maringá até os 13 anos de idade; saiu de casa porque foi repreendida por ter chegado tarde em casa. Sem lugar para morar foi para a rua. Permaneceu uma semana na rua na companhia de amigos que já viviam em becos, depois foi para residência de uma amiga onde ficou um mês. Durante este tempo, Rubi conheceu um rapaz e foi morar junto dele. O rapaz era usuário de drogas e costumava gritar com

ela. Moraram quatro meses juntos e ele foi preso por tráfico de entorpecentes. Após a prisão de seu companheiro, voltou para a rua e foi recebida pelo Conselho Tutelar e levada ao abrigo. É usuária de maconha desde os 11 anos. Perdeu um bebê há pouco tempo por ter usado droga injetável e só procurou atendimento médico dois dias após o incidente por medo da polícia e do Conselho Tutelar. Iniciou sua prática sexual aos 11 anos, sem nenhum método contraceptivo e preservativo. Diz ter tido apenas quatro parceiros, sendo que se “casou” com um deles. Rubi, quando questionada sobre seus sentimentos ao lembrar das experiências passadas, responde com firmeza e emoção *eu me arrependo das coisas que fiz, não por mim, mais por ter dado tanto desgosto ao meu irmão (Rubi)*.

Água marinha - 15 anos (menina 2). Histórico: seu pai reside em São Paulo, SP. A mãe tem distúrbios psiquiátricos. Vive da casa ao hospital e, durante nossa entrevista, a mãe estava em casa. Tem quatro filhas, mas não tem condição de criá-las, segundo a Promotoria. As quatro meninas moram no Lar Talita, instituição religiosa adventista que abriga meninas. Água marinha teve muitos desentendimentos com a diretora do Lar Talita. Como ela colocou fogo em alguns objetos do local, teve que sair de lá e foi levada ao Promotor da Vara da Criança e Juventude que a encaminhou ao abrigo. Têm familiares em Maringá, mas todos com problemas de saúde. Já permaneceu na rua em companhia de amigos.

Quartzo - 14 anos (menina 3). Histórico: pai falecido e mãe presa em Maringá por tráfico de entorpecentes. Dividia seu tempo entre a rua e a casa da avó, que pouco a suportava, devido ao comportamento difícil. Foi para a rua após desentendimento com a avó; o Conselho Tutelar fez sua abordagem na rua e a encaminhou ao Lar Talita. Após desentendimentos com a diretora do lar, foi encaminhada ao abrigo. É usuária de drogas. Quartzo tem comportamento difícil no abrigo; briga com todos, desde os funcionários até os colegas. É, dentre as jovens da casa, sem dúvida a mais bonita, e utiliza sua beleza para conseguir o que quer. Um exemplo ocorreu quando havia apenas um cigarro e este era de um menino, já que todos os demais já haviam fumado. Quartzo pediu-lhe o cigarro com “jeitinho” e conseguiu metade. Sua mãe cumpriu pena por tráfico e quando esta saiu da prisão, Quartzo saiu do abrigo para ficar junto dela.

Esmeralda - 15 anos (menina 4). Histórico: não conheceu seu pai e residia com a mãe no bairro da periferia, denominado Santa Felicidade, conhecido

na cidade pelos índices de criminalidade. Após briga com mãe, decidiu ir para a rua em companhia de amigos. Na época, já fazia uso de drogas. Em abordagem do Conselho Tutelar, foi para o abrigo. Sua primeira passagem pelo abrigo foi em 1999. Esmeralda é alegre e brincalhona. Falante e de muitos amigos, é a jovem mais popular do abrigo. Ao falar de sua história não se mostra abalada ou triste, diz-se acostumada com a vida na rua. Após conversa, encaminhamos Esmeralda para o ginecologista da unidade de saúde local, pois esta nos disse que tinha grande quantidade de secreção vaginal, com odor fétido e feridas vaginais. Atentamos para uma possível doença sexualmente transmissível (DST) como *Trichomonas vaginalis*. O exame médico confirmou nossas suspeitas. Iniciou tratamento imediato, mas fugiu da casa em companhia de amigos e, segundo informações do abrigo, permaneceu cinco dias na rua e está grávida.

Diamante - 15 anos (menino 1). Histórico: os pais são separados. A mãe residia no bairro Santa Felicidade. O pai, na época, estava desaparecido. Era usuário de craque desde os oito anos de idade e devido o uso de drogas foi para rua. Já roubou à mão armada e, segundo ele, estava ameaçado de morte por traficantes e pela Polícia Militar.

Na entrevista disse-nos que aos 11 anos de idade iniciou sua vida sexual com uma menina também de rua. De acordo com ele, foi *tarde demais, meus amigos tudo foi mais novo* (Diamante). Disse que fazia uso de preservativo em todas as relações. Contou que fez sexo com homens e contou-nos seu encontro com um caminhoneiro. Pegou carona com o caminhoneiro e este quis cobrar a viagem. Aí, pagou a viagem com sexo.

Topázio - 16 anos (menino 2). Histórico: o pai estava desaparecido, a mãe era traficante. Residiu até nove anos de idade com a mãe na cidade de Sarandi, Paraná. Abordado pelo Conselho Tutelar em Maringá, foi levado ao abrigo.

Na entrevista disse que se iniciou sexualmente aos oito anos com uma garota do bairro onde residia. Falou pouco, disse que usa preservativo em todas as suas relações e já perdeu a conta da quantidade de parceiras que teve. Era um jovem sedutor, fazia sucesso entre as meninas. Junto de Diamante, tumultuava a casa e deixava todos os outros jovens irritados. Tinha o hábito de fazer o que os outros detestam: arrumar briga. Tinha orgulho de ter mãe traficante, pois *ela ganha numa semana o que vocês ganham num mês* (Topázio).

AS FALAS DOS SEIS JOVENS: UMA ANÁLISE

Os seis adolescentes que conhecemos apresentavam hábitos, crenças e valores bem diferentes dos jovens de classe média. Oriundos de famílias excluídas do trabalho, também não têm nenhum meio para sobreviver. Não foram à escola depois de precária alfabetização e desconhecem as informações sobre higiene e saúde. Rubi, Água marinha, Quartz, Esmeralda, Diamante e Topázio não viram outra opção a não ser morar na rua onde se encontraram com outros jovens e formaram suas famílias.

Agrupam-se, também, como os jovens do estudo realizado em 2004, para dormir e para o sexo, pois isso gera a sensação de segurança. Quando são abordados pelos Conselhos Tutelares e/ou Promotoria e outros órgãos responsáveis pelos direitos da criança e do jovem, são levados para instituições de cunho assistencial. Estes abrigos/lares mantêm as crianças e os jovens isolados e, desse modo, eles fogem e retornam para as ruas de Maringá ao encontro de seus amigos, sua “família”. Nas ruas da cidade são vítimas de gangues, sofrem violências físicas, sexuais, são rotulados como “trombadinhas” e “sem-vergonhas”, e sofrem humilhações da polícia.

A fuga dos lares e do Abrigo Provisório Municipal de Maringá se dá, segundo os jovens, por não se sentirem em casa. Embora no abrigo recebam escovas de dente, roupas usadas vindas de doações à instituição, alimentação e, principalmente, atenção dos educadores de base, o abrigo é algo transitório na vida dos adolescentes e recebe, em muitas ocasiões, muitos jovens, levando à superlotação que, constantemente, provoca a depredação do local e fuga. Não há no abrigo programas educacionais alternativos no sentido de se diferenciar dos valores pedagógicos punitivos. Assim, esses adolescentes retornam aos seus modos de organização e existência, voltam para a sua única fonte de vida conhecida e experienciada.

No estudo realizado em 2001, os autores mostram que adolescentes em situação de risco vivenciam a sexualidade como algo novo e prazeroso. A sexualidade é o que encontram de bom na vida de rua (ou institucionalizados). Também no estudo de 2004 descrevem que para fugir da fome, do frio, da exclusão social e da violência diárias, os adolescentes usam drogas como estratégia de sobrevivência. Da mesma maneira agem os adolescentes entrevistados durante a sua passagem no abrigo. Rubi, como os jovens da pesquisa de 2001, fala de suas experiências

de vida: o namoro, os encontros, as relações sexuais dos meninos e das meninas. O namoro é muito importante para ela; é uma importante forma de relacionamento, pois dele se manifestam às atitudes de idealização da figura do casal parental que os jovens fazem. O prazer sexual, assim, está associado aos sentimentos bons do mundo.

Água Marinha expressa a relação sexo e namoro: [...] *tem um menino aí que me chama pra transar e aí eu vou com ele porque eu gosto dele, a gente já transou aqui no abrigo (Água marinha).*

As manifestações afetivas entre meninos e meninas que estão ou já passaram pela rua são pouco comuns e até mesmo agressivas, no entanto, são os referenciais de afeto. Geralmente, as meninas sonham com um grande amor que será capaz de mudar suas vidas e, quando estão envolvidas com algum menino, vivem intensamente as experiências sexuais como experiências afetivas. Isso ocorre com os meninos também. Estes almejam igualmente uma relação afetiva sólida como o casamento, mas a escolha da futura noiva incidirá entre aquelas que não estão nas ruas, pois estas são para casar e as que estão nas ruas não servem para o casamento.

Topázio e Diamante, meninos, demonstram desprezo pelas meninas que encontram nas ruas, ou seja, nas mesmas condições que eles. Relataram seus encontros com meninas de rua: [...] *a gente chama as menina da rua pra dá uma, porque elas são gostosinha, aí vai... mas não caso com uma puta dessas nunca. (Topázio); [...] essas meninas aí são só pra come (Diamante).*

Entre os seis jovens há circulação de parceiros com bastante frequência. Entre eles não há um parceiro fixo. Tanto as meninas quanto os meninos trocam de parceiro no grupo que convivem ou com jovens de outros grupos, com certa naturalidade. A sexualidade, para eles, é aguçada, é uma necessidade.

Os jovens do abrigo precisam se sentir desejados. Observamos, no abrigo, que usam estratégias de sedução pelas roupas pequenas como “shorts” curtos e mini-blusas, e os meninos não usam camiseta. Se eles conseguem um companheiro em uma noite, por exemplo, a etapa seguinte é a escolha do melhor lugar para a realização da “transa”. Preocupam-se com os olhares públicos, pela privacidade com o corpo, com o namoro e para não serem punidos. Os espaços mais apontados são os lotes vazios e casas abandonadas, ruas escuras, os quais são utilizados para o ato sexual. Os relatos de Esmeralda, Diamante e Topázio indicam esses modos de encontros:

[...] *eu faço sexo nos lotes vagos, em casas abandonadas, em qualquer lugar aonde der para fazer eu faço (Esmeralda).*

[...] *eu pratico sexo em vários locais, em casas e prédios abandonados, nesses matos, lotes vagos [...] (Diamante).*

[...] *transo no prédio que está construindo (Topázio).*

[...] *onde der pra transar a gente transa. Tem também um monte de hotel barato ali no centro; fui lá uma vez com um menino que conheci no Cana-Dura (Esmeralda).*

As meninas de nosso estudo não fazem uso de preservativo e de métodos contraceptivos nas suas relações sexuais. Geralmente não usam camisinha porque atendem ao apelo do parceiro ou, então, por considerar desnecessário, já que conheciam o jovem e tinham estabelecido com este uma relação de confiança: [...] *eu faço sexo sem camisinha (Rubi).*

Quanto às relações homossexuais, elas existem, porém o jovem que assume o papel passivo na relação mostra sinal de fraqueza e falta de masculinidade. No entanto, quando ocorre a relação homossexual entre os jovens ou com parceiros desconhecidos, não há discriminação, já que todos sabem que, se necessário, também o teriam tido.

Diamante, que é menino, relatou-nos que não teve como sair de uma relação sexual com um homem: [...] *eu já fiz sexo com gays e com um caminhoneiro. Eu peguei carona com ele: aí, quando chegou, ele falou que tinha que pagar a viagem (Diamante).*

A gratificação que recebem é, geralmente, de adultos que oferecem em troca da relação sexual, algum dinheiro ou droga. Esse tipo de conduta ocorreu com Topázio: [...] *eu transo com essas mulheres aí de rua [...] elas me dão droga, elas cheiram cola e eu também cheiro [...] (Topázio).*

O uso de drogas entre os jovens do abrigo é frequente. Todos fazem ou já fizeram uso de algum tipo de droga. As mais usadas são, em geral, as mais baratas e mais fáceis de encontrar, como a maconha e a cola de sapateiro.

CONCLUSÃO

Entre os seis jovens do abrigo não há como estabelecer uma relação direta entre sexualidade e violência. Como dissemos, a sexualidade para eles é vivenciada como momentos de prazer e afetividade. Afastados da escola, da família (e sem poder constituir outra), sem atendimento odontológico e médico, os jovens criam outras dimensões para a sobrevivência física e psíquica. Estas dimensões estão nos grupos das ruas, nos seus colegas, e aí

emergem outros valores, bastante distantes dos nossos valores de classe média.

A sexualidade dos seis jovens insere-se em um mundo de muitos abandonos, da família, da escola, e mesmo do abrigo provisório municipal. Para eles, participar do grupo das ruas significa estabelecer a outra família e a sexualidade, aí, é vista como prática de liberdade, afetividade e, talvez, até mesmo de poder.

Um dos papéis dos enfermeiros e educadores é compreender a distância social desses jovens da política econômica, social e cultural. Compete-nos entender como são elaborados os valores sociais desses grupos excluídos e com eles estabelecer programas educacionais.

REFERÊNCIAS

- 1 Camargo CL, Alves EL, Quirino MD. Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica. *Rev. Texto Contexto Enferm.* 2005 Out-Dez; 14 (4): 608-15.
- 2 Fonseca C. Caminhos da adoção. São Paulo (SP): Córtes; 1995.
- 3 Fonseca C. Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre (RS): Ed. Universidade/UFRGS; 2000.
- 4 Medeiros M, Ferriani MGC, Munari D B, Gomes R. A sexualidade para o adolescente em situação de rua em Goiânia. *Rev. Latino-Americana. Enferm.* 2001 Mar; 9 (2): 35-41.
- 5 Camara MFB, Medeiros M, Ferriani MGC, Gomes R. O abandono social da infância e adolescência na ótica dos coordenadores de instituições de assistência a crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de Goiânia. *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.* 2002 Jan-Jul, 12 (1): 18-23.
- 6 Ministério da Saúde (BR). Estatuto da criança e do adolescente. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 1991.
- 7 Borges IK, Medeiros M. Representações sociais de DST/AIDS para adolescentes de uma instituição abrigo com experiência pregressa de vida nas ruas da cidade de Goiânia. *Jor. Bras. Doenças Sex. Transm.* 2004; 16 (4): 43-9.
- 8 Ferreira BP. Adolescentes em situação de risco social e linguagem logo: uma experiência fora da escola [dissertação]. Marília (SP): Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho/Faculdade de Filosofia e Ciências; 2001.
- 9 Ludke M, André MEDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo (SP): EPU; 1986.
- 10 Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde, Comitê Nacional de Ética de Pesquisa em Seres Humanos. Resolução No 196 de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF): O Conselho; 1996 [acesso em 2006 Out 06]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/docs/reso196.doc>